

9 de abril de 1958

**Seminário da quarta-feira de 9 de abril de 1958**

Se as coisas do homem das quais nós nos ocupamos em princípio estão marcadas por sua relação ao significante não se pode usar o significante para falar destas coisas como para falar das coisas que o significante deixa colocar.

Em outras palavras, deve haver uma diferença na maneira pela qual falamos das coisas do homem ou das outras coisas.

Sabemos que as coisas não são insensíveis à aproximação do significante; que sua relação à ordem do Logos deve ser estudada, e que somos capazes, mais do que nossos predecessores, de verificar que isso coloca muitas questões, pela maneira com que, afinal, a linguagem penetra as coisas, as sulca, as levanta, as desorganiza um tanto.

Mas afinal, estamos agora onde sabemos, onde pelo menos pensamos, salvo engano, que as coisas não estão desenvolvidas na linguagem. É pelo menos daí que se partiu para o trabalho da ciência tal como ela está atualmente constituída para nós na ciência da ..... .

Pensem primeiro em purificar a linguagem, em reduzi-la até o mínimo necessário para que esta tomada sobre as coisas possa se fazer. É o que se chama de analítica transcendental. Enfim, tentou-se reduzir a linguagem para as coisas à sua função de interrogação.

Em suma, na medida do possível e naturalmente não completamente, ela foi desembaraçada das coisas em que estava profundamente engajada até uma época que corresponde, aproximadamente, ao início da ciência moderna.

Agora, evidentemente, tudo se complica. Não constatamos ao mesmo tempo singelas convulsões nas coisas que certamente não estão sem relação com a maneira com que as interrogamos? E, por outro lado, estranhos impasses na linguagem que, no momento em que falamos das coisas, se tornam para nós estritamente incompreensíveis.

Mas não concerne a nós, nós estamos com o homem, e aí, o que faço notar, é que até agora, a linguagem não está liberada. A linguagem pela qual o interrogado não é liberável, como o cremos liberado, a saber, quando para as coisas do homem usamos o discurso da academia ou da psicologia psiquiátrica, até ordem em contrário, é a mesma. Podemos facilmente detectar a pobreza das construções às quais nós próprios nos entregamos, e aliás, sua imutabilidade, pois na verdade, desde um século que se fala da alucinação em psiquiatria, mas quase que não se deu um passo adiante. Ainda não se sabe, ainda não se pode definir de outra maneira que não irrisória, o que é a alucinação em psiquiatria.

Toda a linguagem, por sinal, em psicologia psiquiátrica tem esta desvantagem de nos fazer sentir sua estagnação, e de nos fazer sentir isto que estamos exprimindo. Dizemos que se reifica tal ou tal função e se sente o arbitrário destas reificações quando se fala uma linguagem bleuleriana da discordância na esquizofrenia. Temos a impressão de estarmos em algo quando dizemos reificar.

O que isso quer dizer? Não é que estejamos censurando esta psicologia quando ela faz do homem uma coisa. É a finalidade de uma ciência do homem. Mas justamente ela faz dele uma coisa que não é outra coisa que não linguagem que gela prematuramente, que substitui apressadamente sua própria forma de linguagem a algo que já está tecido pela linguagem.

9 de abril de 1958

O que chamamos formações do inconsciente, o que Freud nos apresentou como formações do inconsciente não são outra coisa que não esta tomada de um certo primário. Aliás, é por isso que a chamou de processo primário, esta tomada de um certo primário na linguagem. A linguagem marca este primário e é por isso que a descoberta do inconsciente por Freud pode ser dita preparada pela interrogação deste primário, na medida em que, primeiro, sua estrutura de linguagem está detectada.

Quando digo preparada, é que ela poderia permitir preparar a interrogação deste primário, introduzir a uma justa interrogação as tendências primárias. Mas não chegaremos aí enquanto não resolvermos primeiro o que se trata de reconhecer, a saber, que este primário está primeiro e antes de mais nada tecido como linguagem. É por isto que estou voltando a isto e é por isto que aqueles que prometem a vocês a síntese da psicanálise e da biologia, lhes mostram, pelo fato de que absolutamente nada está anunciado manifestamente neste sentido, demonstram que é um logro, e iremos mais longe afirmando que, até ordem em contrário, prometer isto é desonesto.

Estamos, pois, tentando situar, manifestar, projetar diante de vocês o que eu chamo de a textura da linguagem. Isto não quer dizer que excluamos este primário. É para sua busca, na medida em que é outra coisa que não a linguagem, que avançamos.

Nas lições precedentes, tocávamos o que chamei de a dialética do desejo e da demanda. Disse que na demanda, a identificação se faz ao objeto, digamos, quase do sentimento. Por que, afinal, é assim? Justamente na medida em que para que o que quer que seja se estabeleça de intersubjetivo, é preciso que o Outro, com um grande O, fale; ou, ainda, porque a natureza da palavra é ser a palavra de Outro; ou ainda porque é preciso que tudo quanto é da manifestação do desejo primário esteja em algum momento, se instale sobre aquilo que Freud, depois de Fechner, chama de *autre œm*. Isto é necessário para a satisfação do homem, na medida em que precisamente, sendo um ser falante totalmente majoritário, suas satisfações devem passar pela palavra.

Imediatamente deve ser notado que uma ambigüidade inicial, por este simples fato, se introduz. Se o desejo está obrigado a esta interpretação da palavra e se, como é manifesto, esta palavra tem seu estatuto, se instala, não se desenvolve em sua natureza a não ser no Outro com um grande O, na qualidade de lugar da palavra, fica claro que não há nenhuma razão para que o sujeito se aperceba disso. Quero dizer que a distinção entre o Outro e ele mesmo é uma das coisas que, na origem, é a mais difícil distinção a se fazer.

Não preciso, pois, sublinhar o que Freud sublinhou, a saber, o valor sintomático deste momento da infância em que a criança acredita que seus pais conhecem todos os seus pensamentos. Freud explica muito bem naquele momento mesmo a ligação deste fenômeno com a palavra, com o fato de que seus pensamentos se formaram, afinal de contas, na palavra do Outro, e é natural que na origem seus pensamentos pertençam a esta palavra.

Entre ele e este Outro, no início, há um fraco limiar, mas marcado precisamente pelo que ocorre na relação narcísica, um limiar ambíguo porque pode ser atravessado. Quero dizer que a relação narcísica está perfeitamente aberta a uma espécie de transitivismo permanente. É o que a experiência da criança também mostra.

Mas os dois modos de ambigüidade dos sentidos, estes dois limites, o que ocorre aqui no plano imaginário e o que pertence à ordem simbólica, isto é, a primeira que acabei de lembrar, aquela através de que o desejo se fundamenta na palavra do Outro, os dois limites,

9 de abril de 1958

os dois modos de ultrapassagem que fazem com que o sujeito se aliene, não se confundem, e é em sua discordância que se estabelece uma primeira possibilidade, como mostra a experiência. Para que o sujeito se distinga, claro, mais particularmente, sobre o plano imaginário, ele se estabelece com seu semelhante numa posição de rivalidade em relação a um objeto terceiro.

Mas, ainda permanece a questão do que ocorre quando eles são dois, a saber, quando se trata de que ele se sustente, ele mesmo, na presença de Outro.

Esta dialética que, em suma, confina aquela que se chama o reconhecimento, vocês reconhecem, entrevêm no mínimo um pouco, graças, pelo menos para alguns de vocês, graças ao que aqui comunicamos. Sabem que esta dialética do reconhecimento, um tal de Hegel a buscou no conflito do gozo e na via da luta, dita luta até à morte, em que é preciso sentir toda a sua dialética do senhor e do escravo.

É importante conhecer tudo isso, mas evidentemente isso não abrange todo o campo de nossa experiência, pelas melhores razões. É que há outra coisa que não a luta do senhor e do escravo. Há a relação da criança aos pais. Há precisamente o que ocorre no nível do reconhecimento, na medida em que o que está em jogo não é a luta nem o conflito, mas justamente a demanda. Trata-se de ver como o desejo pode em algum momento, como deve, se reintroduzir. Se o desejo do sujeito está alienado na demanda, é profundamente transformado pelo fato de dever passar pela demanda. Estas coisas que digo hoje são simples. Primitivamente a criança, em sua impotência, depende inteiramente do Outro, isto é, da demanda, da palavra do Outro, que modifica, reestrutura, aliena profundamente a natureza de seu desejo.

Aquilo a que aludimos corresponde aproximadamente a esta dialética da demanda que chamam, com ou sem razão, de pré-ediípiana, e certamente com razão, pré-genital, pois que aqui, em razão desta ambigüidade dos limites do sujeito com o Outro, vemos este objeto oral se introduzir na demanda, o qual, na medida em que é demandado no plano oral, é incorporado, este objeto anal que se torna o suporte desta dialética do dom anal primitivo ligado essencialmente no sujeito ao fato de que ele satisfaça ou não a demanda educativa, isto é, afinal de contas, que aceite ou não soltar um certo objeto simbólico.

Resumindo, este remanejamento profundo dos desejos pela demanda, é o que tocamos perpetuamente a respeito daquilo que chamamos de esta dialética do objeto oral, anal, particularmente.

Estamos vendo o que disso resulta. É que este Outro como tal, com o qual o sujeito lida na demanda, ele mesmo está submetido a uma dialética de assimilação, ou de incorporação, ou de rejeição. Algo diferente talvez deva se introduzir, aquilo por que a originalidade, a irredutibilidade, a autenticidade do sujeito é restabelecida; não creio que seja outra coisa, que o pretendido progresso da etapa genital signifique, que consista nisso: é que, instalado na dialética primeira, pré-genital da demanda, o sujeito num certo momento, lida com o *outro desejo* um desejo que até aí não foi integrado, que não está reintegrável sem remanejamentos muito mais críticos e profundos que para os primeiros desejos e que este desejo, a via ordinária por onde ele se introduz para ele, é a qualidade de desejo do Outro. Ele reconhece um desejo além da demanda, um desejo na qualidade de não alterado pela demanda, ele o encontra, o situa além do primeiro a quem dirigia sua demanda, digamos, para fixar as idéias, a mãe. O que digo aqui só é uma maneira de exprimir, de articular o que está ensinado desde sempre. Que através do Édipo, o desejo genital é assumido, vem tomar

9 de abril de 1958

seu lugar na economia subjetiva. Mas quero sua atenção sobre a função deste desejo do outro, para, de uma vez por todas, permitir a verdadeira distinção do sujeito e do outro.

Em outras palavras, a situação de reciprocidade que faz com que, se o desejo do sujeito depende inteiramente da demanda ao outro, isto é, da outra situação de reciprocidade, o que se exprime nas relações da criança à mãe pelo fato de que a criança sabe muito bem também que tem algo, que pode, por exemplo, negar a demanda da mãe, por exemplo se curvando ou não à disciplina anal ou excremental.

Há, pois, nesta relação entre os dois sujeitos em torno da demanda, algo, uma relação original para que uma nova dimensão que complete esta primeira seja introduzida, o que faz com que o sujeito não seja outra coisa a não ser um sujeito na relação de dependência e cuja relação de dependência faz-se essencial. O que deve ser introduzido, o que evidentemente está aqui desde o início, o que está latente desde a origem, é isto: é que além daquilo que o sujeito demanda, além daquilo que o outro demanda ao sujeito, deve haver a dimensão e a presença do outro desejo. Isto de início é profundamente velado ao sujeito, mas no entanto está aí imanente à situação, e vai pouco a pouco se desenvolver na experiência do Édipo.

Isto é essencial na estrutura, mais fundamentalmente, mais originalmente que a percepção das relações do pai e da mãe, sobre as quais me estendi naquilo que chamei de a metáfora paterna. A própria percepção de qualquer ponto que seja daquilo que termina no complexo de castração, isto é o que será um desenvolvimento deste além da demanda. Por si só, o fato de que o desejo do sujeito é primeiro encontrado, primeiro avistado na existência como tal do desejo do outro, na qualidade de desejo distinto da demanda, é isso que quero ilustrar hoje por um exemplo, pelo primeiro exemplo exigível, isto é, que se isto é introdutório, de alguma forma, a tudo quanto participa desta estruturação do inconsciente do sujeito por sua relação ao significante, devemos encontrá-lo imediatamente. E já aludi ao que podemos apontar nas primeiras observações que Freud fez da histeria.

Passemos ao tempo onde Freud, pela primeira vez, fala do desejo. Ele fala disso a respeito dos sonhos. Comentei o que Freud deduz a respeito do sonho inaugural de Irma, o sonho da injeção. Não volto a isto.

Tomemos o segundo sonho, pois Freud, na *Traumdeutung* analisa também alguns de seus próprios sonhos. É o sonho do tio Joseph. Eu o analisarei outro dia, pois ele é muito demonstrativo, particularmente para ilustrar o esquema das duas curvas entrecruzadas, porque não há nada que mostre melhor os dois estágios sobre os quais se desenvolve um sonho. O estágio propriamente significativo, que é a palavra, e o estágio imaginário, onde, de alguma forma, se encarna o objeto metonímico. Passemos sobre isso.

Tomo o terceiro sonho que Freud analisou no terceiro capítulo: *A Transposição do Sonho*. É o daquela que chamaremos de a bela açougueira. Eis o sonho:

*Quero dar um jantar mas não tenho todos os mantimentos, só um pouco de salmão defumado. Queria fazer compras, mas me lembro que é domingo à tarde, e todas as lojas estão fechadas. Quero telefonar a alguns fornecedores, mas o telefone está quebrado. Portanto devo renunciar ao desejo de dar um jantar.*

Este é o texto do sonho. Freud anota escrupulosamente a maneira com que se articula, se verbaliza o texto de um sonho, e é a partir desta verbalização, de uma espécie de texto escrito do sonho, que, sempre e unicamente, lhe parece concebível a análise de um sonho.

9 de abril de 1958

*Respondo naturalmente*, diz Freud, *que só a análise pode decidir do sentido deste sonho*. Com efeito, a doente lhe propôs dizendo: *Você notará que me disse que um sonho é sempre algo onde um desejo se realiza. Ai, tenho as maiores dificuldades para realizar.* Todavia, confesso que à primeira vista, parece razoável e coerente, e parece todo o contrário do cumprimento de um desejo. Quais são os elementos deste sonho? Sabem que os motivos de um sonho estão sempre nos fatos dos dias anteriores, diz ele à sua paciente. O marido da minha doente é açougueiro, um bom homem, muito ativo. Ele disse alguns dias antes, que ele engordara demais e queria fazer um tratamento de emagrecimento; se levantará cedo, não aceitará mais convites para jantar. Ela conta rindo que seu marido ia habitualmente a um restaurante onde conheceu um pintor que queria fazer seu retrato porque ainda não tinha encontrado cabeça tão expressiva. Mas seu marido tinha respondido com sua aspereza costumeira que agradecia-lhe vivamente mas que estava persuadido de que o pintor preferia a todo seu rosto, um pedaço do traseiro de uma linda jovem.

Minha doente está atualmente muito amorosa com seu marido e brinca sem cessar com ele por causa disso, no restaurante. Ela também pediu para ele não lhe dar caviar. O que isso quer dizer? Na realidade, desde há muito, ela deseja cada manhã um sanduíche com caviar. Mas ela se nega esta despesa - traduz M. Mayerson - mas não exatamente isso: ela não se consente esta licença -- a despesa não está presentificada nisso -- naturalmente ela teria imediatamente seu caviar se falasse disso com seu marido, mas pelo contrário ela pediu para ele não dar, de maneira a poder brincar mais tempo com isso.

Aqui, um parêntese de Freud:

*Isso me parece forçado, esta espécie de informações insuficientes que ordinariamente escondem os motivos não exprimidos. Pensemos à maneira com que os hipocritas de Bernheim cumprem uma missão post-hipnótica, explicando, quando perguntados por que, com um motivo visivelmente insuficiente. Respondem: Não sei porque fiz isso*

O caviar será um motivo deste gênero. Noto que ela é obrigada a se criar um desejo insatisfeito. Seu sonho lhe mostra esta dilatação, este adiamento de seu desejo, este afastamento de seu desejo como realmente cumprido. Mas por que ela precisava de um desejo insatisfeito?

A resposta é de Freud, e entre parênteses:

*O que lhe veio à mente até agora não pode servir para interpretar o sonho. Após um tempo, insisto, como convém quando se deve vencer uma dificuldade, uma resistência. Ela me diz que ontem ela visitou uma de suas amigas, da qual ela tem ciúme porque seu marido fala muito bem dela. Felizmente sua amiga é esbelta e magra e seu marido gosta das mulheres cheias. De que falava esta pessoa magra? Naturalmente, de seu desejo de engordar. Ela também perguntou: "Quando nos convidará novamente? Come-se sempre tão bem em sua casa"! O sentido do sonho agora é claro. Posso dizer à minha paciente: É exatamente como se tivesse respondido mentalmente a ela: isso mesmo, vou te convidar para que comas bem, engordes, agrade a meu marido ainda mais. Preferiria não dar mais um jantar na vida. O sonho diz que não poderá dar jantar, cumprindo assim seu voto de não contribuir para tornar sua amiga mais bela, e a resolução tomada de não mais aceitar convites para jantar porque lhe disseram que os jantares na sociedade fazem engordar. Só falta um encontro que confirmaria a solução*

Ainda não se sabe a que corresponde o salmão defumado do sonho - de onde vem que no sonho você fale de salmão defumado? É, responde, *a iguaria predileta da minha amiga. Por*

9 de abril de 1958

*acaso conheço também esta dama e sei que ela tem para como salmão defumado a mesma conduta que minha paciente para com o caviar.*

É aqui que Freud introduz este sonho que comporta outra interpretação mais delicada, e que entra na dialética da identificação. É a este propósito que faz as seguintes ressalvas:

*Ela se identificou com sua amiga. É em sinal desta identificação, isto é, na medida em que se identifica à outra, que ela se deu, na vida real, um desejo não realizado*

Penso que devem sentir já se desenhar o lineamento deste texto que aí podia abrir a qualquer outra página de *Traumdeutung*. Teríamos encontrado a mesma dialética. Creio que tomando o primeiro sonho que encontramos, aquele que vai nos mostrar de maneira particularmente simples - porque esta dialética é particularmente simples na histórica - a dialética do desejo e da demanda. Mas continuemos, de maneira a acompanhar até seu termo aquilo que este texto muito importante nos articula, posto que, em suma, ele é uma das primeiras articulações muito nítidas, por Freud, do que a identificação histórica significa. Ele precisa qual é seu sentido.

Pulo algumas linhas, para não demorar muito. Trata-se de discutir sobre o que se chama, a este propósito, a imitação, simpatia; e ele critica com muita energia a simples redução ao contágio histórico àquilo que seria uma pura e simples imitação.

*Este processo diz, é um pouco mais complicado que a imitação histórica tal como ela foi representada, e um exemplo vai prová-lo. Ele responde a deduções inconscientes. Se um médico colocou num quarto de hospital, um doente com tremores, não estranhará quando souber que este acidente foi imitado. Mas este contágio se produz aproximadamente da seguinte maneira: geralmente os doentes sabem.....*

Seria preciso ver o peso que tal observação comporta, não digo simplesmente na época em que foi feita, mas sempre, para nós.

*..... sabem geralmente mais coisas uns sobre outros que o médico pode saber sobre cada um deles, e eles se preocupam ainda uns com os outros após a visita do médico*

Ressalva essencial. Em outras palavras, o objeto humano continua a viver sua pequena relação particular ao significante, mesmo depois que o observador, behaviorista ou não, se interessa por sua fotografia.

*Uma delas teve sua crise hoje. As outras bem saberão que uma carta de sua casa, uma recordação de sua dor de cotovelo, ou outras coisas parecidas são a causa. Sua compaixão as emociona e elas fazem o seguinte exame: se esta espécie de motivos causa esta espécie de crises, eu também posso ter esta espécie de crise...*

Articulação na qualidade de elementar, a uma identificação de discurso, a uma situação articulada no discurso.

*..... pois eu tenho os mesmos motivos. Se estas fossem condutas conscientes, elas terminariam na angústia de ver sobrevir esta mesma crise. Mas as coisas ocorrem em outro plano psíquico e terminam na realização do sintoma tenido. A identificação não é, pois, simples imitação, mas apropriação por causa de uma etiologia idêntica. Ela exprime um todo, como o que concerne a uma comunidade que persiste no inconsciente*

O termo *apropriação* não está perfeitamente traduzido; é antes, tomado como próprio.

9 de abril de 1958

*A histérica se identifica de preferência com pessoas com as quais ela teve relações sexuais, ou que têm as mesmas relações sexuais com as mesmas pessoas que ela. A língua, por sinal, é responsável por este conceito. Ela afirma que dois amantes são um, diz Freud.*

Evidentemente, o problema que aqui Freud levanta é a relação de identificação à amiga ciumenta.

Quero chamar sua atenção sobre isto: Freud, neste texto, sublinha como primeiro problema, que o desejo que primeiro encontramos, desde os primeiros passos da análise, aquele a partir do qual vai se desenrolar a solução do enigma, é que a doente estava preocupada, no momento do sonho, de se criar um desejo insatisfeito. Qual é a função deste desejo insatisfeito?

Pois se lermos no sonho a satisfação de um anelo, o que descobrimos a respeito deste anelo, é a subjacência de uma situação que é propriamente a situação fundamental do homem entre a demanda e o desejo, à qual tento introduzi-los e à qual os introduzo efetivamente mediante o histórico, porque, digamos as coisas mais ou menos como isto: pode-se dizer que a histérica está suspensa à primeira etapa, a esta clivagem necessária onde há pouco tentei mostrar a necessidade entre a demanda e o desejo. Aqui, nada mais claro. O que ela demanda? Quero dizer, antes de seu sonho. Na vida. Esta doente, muito enamorada de seu marido, o que pede? É o amor, e as histéricas, como quase todo mundo, com a diferença que nelas é mais perturbador, pedem amor. O que ela deseja? Caviar. Basta ler. O que ela quer? Que não lhe dêem caviar.

A questão é justamente saber por que é necessário, para que uma histérica mantenha relações amorosas que a satisfaçam, primeiro, que ela deseje *outra coisa*, que o caviar não tem outro papel aqui senão ser *outra coisa* e que em segundo lugar, que para que esta outra coisa desempenhe bem sua missão, a função que deve desempenhar, justamente é que não se lhe dê, pois seu marido ficaria muito contente se desse caviar a ela, mas provavelmente ele estaria mais tranqüilo, ela imagina.

Mas o que Freud nos diz formalmente é que ela quer que ele não lhe dê caviar para que possam continuar se amando loucamente, isto é, se traquinem, se façam misérias a perder de vista.

Estes elementos estruturais, exceto o fato de que nos detenhamos neles, não têm nada de extraordinário, de tão original assim, porém é algo que começa a tomar seu sentido aqui. Vocês vêem que o que se exprime aí, é uma estrutura que vem além de seu lado cômico, representar uma necessidade. Se a histérica é, como sabemos, o sujeito para o qual a constituição do outro, enquanto de grande Outro, enquanto portador do signo falado, é aquilo com que é difícil estabelecer a relação que lhe permite, a ela, histérica, e essa é a definição que se pode dar, de conservar o lugar ao sujeito e o histórico, para dizer tudo, está tão aberto ou aberta à sugestão da palavra que deve haver algo aí.

Em algum lugar, Freud, em *Psicologia Coletiva e Análise do Eu*, se pergunta sobre a maneira pela qual esta hipnose vem à tona. Sua relação com o sono está longe de ser transparente. E a eletividade enigmática que se apropria, quero dizer que a sacia ou que, pelo contrário, para outras pessoas, se opõe, se afasta radicalmente, mostra que há um certo momento desconhecido que deve se realizar, na hipnose, e que talvez torne possível por ele mesmo, no sujeito originalmente, a pureza das *situações libidinais*, eu diria até *atitudes libidinais*.

9 de abril de 1958

Trata-se precisamente dos lugares, dos postos que estamos tentando esclarecer, e este elemento desconhecido de que Freud fala, gira em redor desta articulação da demanda, do desejo. É o que vamos tentar mostrar mais adiante.

Pois esta preocupação para o sujeito, esta necessidade de se criar um desejo insatisfeito, em relação com o que se faz necessário, para que se constitua para o sujeito um outro real, isto é, um outro que não esteja inteiramente imanente à satisfação recíproca da demanda, ou seja, à captura inteira do desejo do sujeito pela palavra do outro, este desejo de que se trata seja, por sua natureza, o desejo do outro, é muito precisamente aquilo que a dialética do sonho nos introduz, posto que a doente não quer que este desejo de caviar seja satisfeito na realidade.

Onde ele está representado neste sonho que, incontestavelmente, é um sonho que tende a satisfazer a doente quanto à solução do problema que ela mantém? Por meio de que este desejo de caviar vai ser representado no sonho? Pelo fato de que a pessoa em jogo no sonho, aquela a quem Freud aponta os signos que ela se identifica, ela está aí também, ela é histérica ou não o é. Não importa! Tudo é puro-puro, histérico-histérico. Para a doente histérica, claro que o outro também o é, e isto, quanto mais facilmente, como acabei de dizer, o sujeito histérico se constitui quase inteiramente a partir do desejo do outro, o desejo de que o sujeito fala aqui é também o desejo preferido do outro, e, até, só sobra isso para ele no momento em que ela não vai poder dar um jantar. Só sobra a ela salmão defumado, isto é, aquilo que indica ao mesmo tempo o desejo do outro e aquilo que o indica como podendo estar satisfeito, mas somente para o outro. Aliás, não temam nada: Há salmão defumado! Nem por isso o sonho diz se ela o dá à sua amiga, se as coisas vão tão longe, mas a intenção existe.

A intenção existe. Em compensação, evidentemente a demanda de sua amiga, que é o elemento genético do sonho, a saber, que ela lhe pediu para vir jantar em sua casa onde se come tão bem e onde também se pode encontrar o belo açougueiro, o amável marido que fala sempre tão bem desta amiga, ele também deve ter seu pequeno desejo num cantinho da cabeça, o traseiro da jovem tão prontamente evocado a propósito da amável proposição do pintor que lhe propõe retratá-lo, desenhar seu tão expressivo e tão interessante rosto, certamente está aqui para demonstrá-lo. Cada um, para dizer tudo, tem seu pequeno desejo simplesmente mais ou menos intensificado.

O que é importante no caso da histérica, é que ela nos mostra que para este desejo, na qualidade de além de toda e qualquer demanda, isto é, já que devendo exercer uma função a título de desejo negado, desempenha para ela um papel de primeiríssimo plano, e essas coisas são perfeitamente utilizáveis. Não entenderão nunca nada de um ou de uma histérica se não partirem do reconhecimento deste primeiro elemento estrutural.

Como, por outro lado, a histeria, na relação do homem ao significante, é uma estrutura absolutamente primordial, se não souberem em que ponto da estrutura, por menos que tenham colocado tão longe a dialética da demanda, devem sempre encontrar num dado momento esta *Spaltung* da demanda e do desejo, correndo, assim, o perigo de cometer grandes erros, isto é, de tornar a doente histérica, pois evidentemente, o que estamos analisando aí é inconsciente para o sujeito. Em outras palavras, o histérico não sabe que não pode ficar satisfeito na demanda, mas é muito essencial que vocês o saibam.



9 de abril de 1958

Isto vai nos permitir, no ponto onde chegamos, começar a apontar o que o pequeno diagrama que fiz na última vez, quer dizer: e, porque isso era prematuro, cujo apontamento e interpretação não pude trazer, mas vamos chegar lá agora.

Nós o dissemos. É em torno de algo como isto, isto é, em torno de uma relação que se manifesta como uma necessidade que deve passar pela demanda, ou seja, se dirigir ao que vemos aqui por intermédio de um encontro que acontece ou que não acontece, mas que ocupa aproximadamente o que podemos chamar de o lugar da *mensagem*, isto é, o que está significado do outro, que se produz este resto da demanda, que consiste na alteração daquilo que se manifesta no estado ainda não informado do desejo do sujeito, e que pode, que em princípio se manifesta sob a forma da identificação do sujeito.

Retomarei isto de novo, se quiserem, na próxima vez, com o texto na mão. A primeira vez que Freud fala de maneira completamente articulada da identificação, vocês podem se referir desde já, se tiverem vontade, antes que eu fale a respeito na próxima vez. Verão como Freud a articula e verão que a identificação primitiva não está articulada de outra maneira que não a que articulo aqui.

Por outro lado, na medida em que no caminho onde se situa a relação onde o curto-circuito narcísico é introduzido, vocês têm, já, uma possibilidade, uma abertura, uma espécie de esboço de terceiro nesta relação do sujeito ao outro.

O essencial daquilo que lhes trouxe ao descrever a função do falo é a função do falo na medida em que ele é um certo significante que marca o que o outro deseja, na qualidade de marcado pelo significante. O falo, é este certo significante que marca aquilo que o outro deseja, na medida em que, como outro real, como outro humano, ele está em sua economia. É esta fórmula que estamos precisamente estudando, a saber, que ele é marcado pelo significante. É precisamente na medida em que o outro é marcado pelo significante, que o sujeito deve reconhecer, por intermédio deste outro, que ele também, em suma, está marcado pelo significante, isto é, que sempre há algo que permanece além daquilo que pode se satisfazer por intermédio deste significante, ou seja, pela demanda, e que esta clivagem feita em torno da ação deste significante, este resíduo irreduzível ligado ao significante, tem também seu signo próprio, mas seu signo que aqui vai se identificar com esta marca no significado, e é aí que ele deve encontrar seu desejo.

Em outras palavras, é na medida em que o desejo do outro está barrado, que ele vai reconhecer seu desejo barrado, seu desejo insatisfeito, e é no nível deste barrado por intermédio do outro, que se faz seu encontro com seu desejo mais autêntico, a saber, seu desejo genital. É por isso que o desejo genital está marcado de castração, em outras palavras, de uma certa relação com o significante falo. São estas as duas causas equivalentes.

É de uma certa relação àquilo que responde à demanda a uma primeira etapa, a saber, a uma palavra da mãe, é além disso, isto é, de uma relação desta palavra a uma lei que está além e que mostrei estar encarnada pelo pai. É o que se constitui na metáfora paterna. Mas vocês têm o direito, e penso que é esta espécie de carência que deve tê-los deixado insatisfeitos quando eu o expliquei, de pensar que tudo não se reduz a esta espécie de escalonamento da palavra, e, além da palavra, da superpalavra, qualquer que seja a maneira de denominá-la, a saber, da lei do pai; afinal de contas, há outra coisa exigível, e naturalmente no nível onde se situa esta lei, se introduz precisamente este significante eletivo, a saber, o falo, que faz com que, nas condições normais, o que aqui se produz, se

9 de abril de 1958

encontre a um segundo grau do encontro com o outro. É o que em minhas pequenas fórmulas chamei de significante **A - S (A)** -, isto é, aquilo que acabei de definir como sendo a função do significante falo, a saber, isto que marca o que o outro deseja na qualidade de marcado pelo significante, isto é, barrado. Da mesma forma que o que aqui se produz a partir do momento em que o sujeito está propriamente falando, constituído, e não ambíguo, e não perpetuamente inclinado na palavra do outro, o sujeito acabado, o sujeito que permanece aquém da relação ao tempo especulário, ao dual, ao pequeno outro da relação de palavra. O sujeito, o que está aqui na fórmula em **Z**, o sujeito acabado, é o sujeito na medida em que a barra se introduziu, a saber, na medida em que ele também está em algum lugar marcado da relação do significante. E é por isso que se produz, aqui, a relação do sujeito à demanda como tal.

Isto é a etapa necessária por onde se realiza normalmente a integração do complexo de Édipo, do complexo de castração, a saber, a estruturação por seu intermédio, do desejo do sujeito.

Como isto se produz? Isto se desenvolveu sobre este diagrama. A maneira pela qual se introduz a necessidade por intermédio do significante falo, deste além da relação à palavra do outro, mas evidentemente, assim que isto está constituído, isto não fica neste lugar, quero dizer que isto se integra à palavra do outro, uma vez que o falo está aí na qualidade de desejo do outro. É porque o significante falo, com tudo o que comporta, tudo o que se segue, vem aqui tomar o lugar primitivo da relação de palavra à mãe. É aqui que ele vem desempenhar sua função.

Em outras palavras o que ocorre, se se pode dizer, se o explicamos, se o desenvolvemos, o que ocorre para nós que tentamos delimitar as etapas desta integração de uma palavra que permita ao desejo encontrar seu lugar para o sujeito, isto permanece, se assim posso dizer, inconsciente. Quero dizer que é aqui que doravante vai se desenrolar para ele a dialética da demanda. Ele não saberá que esta dialética da demanda não é possível a não ser na medida em que o que é seu desejo, seu verdadeiro desejo, encontre seu lugar, numa relação inconsciente, em algo que para ele permanece inconsciente ao desejo do outro.

Em outras palavras, estas duas linhas se permutam normalmente. Pelo único fato de que elas devem se permutar, ocorre no intervalo toda sorte de acidentes. Estes acidentes, nós os encontramos sob diversas formas. O que quero simplesmente para hoje é indicar que, no histórico, o que se manifesta, o que vem preencher a função disto, é por certos elementos de caráter que estão sempre presentes. Tentaremos todavia apontá-los mais tarde, mas é difícil evocar já hoje que o que ocorre é algo mais ou menos assim: Este além do desejo do outro, ele se produz primeiro e antes de mais nada em estado puro em Dora e entendemos logo porque uma parte da bateria dos elementos falta. Não se fala, absolutamente nada da mãe. Talvez tenham notado que em Dora ela está totalmente ausente. Dora está confrontada a seu pai. É muito claro que é de seu pai que ela quer o amor, ela quer o amor de seu pai, e é preciso dizê-lo, antes da análise, ela está muito bem equilibrada, a vida de Dora. Quero dizer que, até o momento em que, como sabem, o drama estoura, ela encontrou uma solução muito feliz para seus problemas. É a seu pai que se dirige a demanda, e as coisas vão muito bem, porque seu pai tem um desejo, e o desejo vai até muito bem neste *affaire*, em que este desejo é um desejo insatisfeito. Dora, como Freud não o dissimula, sabe muito bem que seu pai é impotente e que o desejo para a senhora K. é um desejo barrado.

9 de abril de 1958

Mas o que sabemos também é que a Sra. K - sabemos isto tardiamente, Freud o soube um pouco tarde demais - é o objeto do desejo de Dora, é o objeto do desejo de Dora precisamente em função disto, que é o desejo do pai, e o desejo barrado.

Só há para a conservação deste equilíbrio uma coisa necessária. É que Dora esteja em algum lugar, é que Dora realize em algum lugar esta posição, este equilíbrio, esta identificação de si que permita saber onde ela está, e isto em função desta demanda que não é satisfeita, a demanda feita do amor de seu pai, mas que seria assim enquanto houvesse um desejo, e um desejo que como tal não pode ser satisfeito, nem para Dora, nem para seu pai. Tudo isto depende de onde vai acontecer a identificação dita *ideal do eu*. Vocês o vêem, desde a origem ela passa sempre por uma certa transposição, uma dupla transposição da linha do outro, aqui. É a mesma coisa, com a diferença que o desejo do pai representa a segunda linha, e é depois da transposição destas duas linhas que vai se realizar aqui a identificação da histérica, isto é, não mais a identificação ao pai como quando o pai era pura e simplesmente aquele a quem se dirigia a demanda. Não esqueçam, há agora além, e isso convém muito bem à histérica para sua satisfação e seu equilíbrio, o desejo do pai. É outro que está na posição de satisfazer ao desejo, o senhor K., o marido da senhora K., tão sedutora, tão charmosa, tão radiante, o verdadeiro objeto do desejo de Dora. Ele está aqui porque ela é histérica, porque no caso de um histérico, o processo não pode ir mais longe. Por quê? Porque o desejo é o elemento que está encarregado, só ele, de tomar o lugar deste além que aqui é marcado pela própria posição do sujeito em relação à demanda. Mas, por ser uma histérica, ela não sabe o que ela demanda, simplesmente ela precisa que haja em algum lugar, este desejo além. Mas para que este desejo, ela possa se apoiar nele, completar-se nele, encontrar nele sua identificação, seu ideal, é preciso que haja, pelo menos aí, no nível deste além da demanda, um encontro que lhe permita se repor, se marcar sobre esta linha, e é aí onde está o senhor K., como é absolutamente evidente por toda a observação, que ela encontra seu outro no sentido do pequeno *a*, aquele em que ela se reconhece. E é por isso que ao mesmo tempo ela se interessa extremamente por ele e que ela engana seu mundo, a saber, Freud, que na ocasião pensa que ela ama este senhor K.. Ela não o ama, mas ele é indispensável para ela, mas é ainda mais indispensável que seja o senhor K. que deseje a senhora K.. E, como já disse cem vezes, isto está arquidemonstrado pelo fato de que a circulação curto-circuitada inteira, a saber, que frente ao outro, ao *pequeno a*, ela recai nesta situação de desencadeamento agressivo que na ocasião se manifesta por uma formidável bofetada, a saber, o furor contra o outro na medida em que ele é seu semelhante e que na qualidade de seu semelhante, ele rouba sua existência. A partir do momento em que o senhor K. lhe diz a palavra fatal, a saber, que ele não está ali, sem saber o que está dizendo, o pobre desgraçado, para suportar sua identificação a Dora, por uma simples razão: é que sua mulher não é nada para ele. É precisamente o que Dora não pode tolerar. Por que ela não pode tolerar isto?

É bem verdade que, como se diz, Dora está também estruturada, como se diz, incompletamente. Tão manifestamente de maneira homossexual quanto o histérico. Normalmente ela deveria estar muito contente com isso. Nem tanto! E é precisamente isso que desencadeia seu furor, porque naquele momento sua bela construção histérica de identificação à máscara, às insígnias, nomeadamente na ocasião, às insígnias masculinas que o senhor K. lhe oferece e não seu pai, infelizmente desmorona, ou seja, naquele momento ela volta à demanda pura e simples, à reivindicação pura e simples do amor de seu pai, e ao estado quase paranóico aonde ela entra quando ela se concebe pelo que ela é efetivamente, muito mais objetivamente por parte de seu pai, um objeto de troca, a saber, alguém que diverte o senhor K., que o ocupa enquanto seu pai pode se ocupar tão em vão

que seja. Isto lhe basta, posto que justamente nesta ocasião, vocês sentem a própria função e a natureza do desejo enquanto ele cuida da Sra.

Mas naquele momento nossa histérica recai do alto e volta ao caráter totalmente primitivo da demanda, isto é, naquele momento, ela exige pura e simplesmente que seu pai não cuide a não ser dela, isto é, lhe dê amor, em outras palavras, que ele lhe dê, segundo nossa definição, o que ele não tem.

Eis porque hoje é um pequeno primeiro exercício na barra que acabei de fazer, para tentar lhes mostrar qual é o sentido e, precisamente a propósito da histérica, qual é o sentido desta relação do desejo e da demanda.

À medida que vocês se acostumarem, isto nos permitirá ir mais rápido e mais longe.